

Novo governo vai propor BC independente

Para Malan, função do banco é garantir estabilidade e poder de compra da moeda como metas da política econômica

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

No próximo dia 1º de janeiro, não se deve esperar um enorme pacote de medidas econômicas, com feriado bancário e o objetivo de resolver o problema da inflação de uma vez só, informou ontem o presidente do Banco Central do Brasil, Pedro Malan, oficiosamente mencionado como o próximo ministro da Fazenda, durante o seminário Brazil 95, patrocinado pelo Banco do Brasil e organizado por este jornal.

Mas no dia 15 de fevereiro, quando assume o novo Congresso, o governo Fernando Henrique Cardoso deve apresentar sua proposta de criar um Banco Central independente. "Minha idéia é de que o texto na Constituição deveria dizer algo como "a função do Banco Central é garantir a estabilidade e poder de compra da moeda nacional"', observou Malan.

Ele entende que um país ganha credibilidade com a moeda estável, Banco Central independente e com presidente exercendo um mandato, é o caminho mais seguro para obtê-la. Isso não significa que todos os problemas da economia estarão resolvidos, avisou também.

Malan reiterou em sua palestra que as soluções que o novo governo vai procurar para o País terão continuidade em relação ao que está sendo feito agora e garantiu que quem tiver ouvido o que a equipe econômica tem afirmado e feito nos últimos meses já sabe o que esperar a partir de 1995. Nada de surpresas, abordagens sistêmicas que demoram para dar resultados, por desconfiância de soluções rápidas já tentadas no Brasil com fracassos igualmente rápidos.

O atual presidente do Banco Central do Brasil gostou de várias perguntas da platéia de cerca de trezentos banqueiros e empresários que se reuniu para ouvi-lo no Hotel Grand Hyatt, e alguns saíram convencidos de que entenderam a mensagem.

Malan foi preciso em sua definição da política cambial, oferecendo três parâmetros. Os sinais de como ele será no próximo governo já foram dados, o que significa uma relação de R\$ 0,83 a R\$ 0,86 por US\$ 1. E o governo Cardoso não permitirá oscilações violentas na taxa de câmbio. Esclarecendo uma questão do embaixador Lincoln Gordon, que serviu no Brasil em 1964, observou que a paridade US\$ 1 igual a R\$ 1 é apenas algo simbólico, e não vai funcionar como um fetiche. Gordon ponderou que o real sobrevalorizado opera ao mesmo tempo como uma taxa sobre as exportações e um subsídio sobre as importações, uma combinação que parece desastrosa. Malan arrancaria gargalhadas da audiência lembrando a história do inglês a quem perguntaram como estava sua mulher, e ele respondeu: "Está em relação a quê?"

Mesmo que o real esteja sobrevalorizado, Malan argumentou que o iene japonês tinha uma paridade de 270 por US\$ 1 há nove anos, que atualmente é de 97 por US\$ 1, e o marco alemão de 3,5 para 1,5 em relação à moeda dos EUA, sem que suas economias fossem prejudicadas.

O presidente do Banco Central listou outros fatores que precisam ser levados em consideração nas relações exportação-importação, além da taxa de câmbio, como os termos de comércio, a produtividade e a lucratividade das empresas.

Ele gostou quando lhe perguntaram se o novo governo não vai fazer nada até 15 de fevereiro, quando assume o novo Congresso, ou até que as soluções sistêmicas produzam efeitos.

"Não quis dar essa impressão", explicou. O processo de ajuste dos bancos estaduais, com perda da receita inflacionária, pode começar imediatamente.

O novo governo não considera o capital estrangeiro prejudicial, assegurou. As medidas de restrição adotadas ao influxo são temporárias e a idéia é suspendê-las logo que as condições macroeconômicas permitam. Isso voltaria a ficar claro adiante, quando explicou que o governo Cardoso se propõe a administrar pequenos déficits na balança comercial, como convém a um país importador de capital como o Brasil. O déficit será financiado pelo superávit financeiro, acrescentou Malan. "É um sinal de que o novo governo pretende contar com captações externas para financiar as importações de que a economia vai necessitar no processo de crescimento", concluiu Saulo Blath, diretor-gerente na BB Securities, corretora inglesa do Banco do Brasil.

Adiante, o presidente do Banco Central disse que espera uma presença maior do capital estrangeiro no programa de privatizações, destacando que títulos da dívida externa do País serão aceitos como moedas na compra de empresas estatais.